Am Philoso Society.

Deixai que clamem que nos rebellamos contra o nosso Rei: Elle sabe que O amamos, como a hum Rei Cidadão, e queremos salval-O do affrontoso estado de captiveiro, a que O reduziram; arrancando a mascara da hypocrisia a Demagogos infames, e, marcando com verdadeiro Liberalismo os justos limites dos poderes politicos. Deixai que vozeem, querendo persuadir ao Mundo que quebramos todos os laços de união com nossos Irmãos da *Europa*; não; nós queremos firmal-a em bases solidas, sem a influencia de um partido, que vilmente desprezou nossos direitos, e que, mostrando-se á cara descoberta tyranno, e dominador em tantos factos, que já se não podem esconder, com deshonra, e perjuizo nosso, enfraquece, e destróe irremediavelmente aquella força moral, tão necessaria em um Congresso, e que toda se apoia na opinião publica, e na justiça.

Illustres Bahianos, porçaõ generosa, e malfadada do Brasil, a cujo Sólo se tem agarrado mais essas famintas, e impéstadas harpyas, quanto Me punge o vosso destino! Quanto o naõ poder á mais tempo ir enxugar as vossas lagrimas, e abrandar a vossa desesperaçaõ! Bahianos, o brio he a vossa divisa, expelli do vosso seio esses monstros, que se sustentam do vosso sangue; naõ os temais, vossa paciencia faz a sua força. Elles já naõ sam Portuguezes, expelli-os, e vinde reunir-vos a Nós, que vos abrimos os braços.

Valentes Mineiros, intrepidos Pernambucanos Defensores da Liberdade Brasilica, voai em soccorro dos vossos visinhos Irmãos: naõ he a causa de uma Provincia he a causa do Brasil, que se defende na Primogenita de *Cabral*. Extingui esse viveiro de fardados Lobos, que ainda sustentam os sanguinarios caprichos do partido faccioso. Recordai-vos, Pernambucanos das fogueiras do *Bonito*, e das scenas do *Recife*. Poupai porèm, e amai, como Irmãos a todos os Portuguezes pacificos, que respeitam nossos direitos, e desejam a nossa, e sua verdadeira felicidade.

Habitantes do Ceará, do Maranhão, do Riquissimo Pará, Vós todos das bellas, e amenas Provincias do Norte, vinde exarar, e assignar o Acto da nossa Emancipaçaõ, para figurarmos (he tempo) directamente na grande associaçaõ politica. *Brasileiros* em geral! Amigos, reunamo-nos; Sou Vosso Compatriota, Sou Vosso Defensor; encaremos, como unico premio de nossos suores, a honra, a gloria, a prosperidade do *Brasil*. Marchando por esta estrada ver-Me-heis sempre à vossa frente, e no logar do maior perigo. A Minha Felicidade (convencei-vos) existe na vossa felicidade: he Minha Gloria Reger um Povo brioso, e livre. Dai-Me o exemplo das Vossas Virtudes, e da Vossa União. Serei Digno de vós. Palacio do Rio de Janeiro em o primeiro d'Agosto de 1822.

PRINCIPE REGENTE.

NA IMPRENSA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.

MANIFESTO

DO

PRINCIPE REGENTE

DO BRASIL

AOS

GOVERNOS, E NAÇÕES AMIGAS.

DESEJANDO Eu, e os Povos, que Me reconhecem como Seu Principe Regente, Conservar as relações politicas, e commerciaes com os Governos, e Nações Amigas deste Reino, e Continuar a Merecer-lhes a approvaçaõ e estimaçaõ, de que se faz crédor o caracter Brasileiro; Cumpre-Me expor-lhes succinta, mas verdadeiramente a série dos factos e motivos, que Me tem obrigado a annuir à vontade geral do Brasil, que proclama à face do Universo a sua Independencia politica; e quer, como Reino Irmaõ, e como Naçaõ grande e poderosa, conservar illesos e firmes seus imprescriptiveis direitos, contra os quaes Portugal sempre attentou, e agora mais que nunca, depois da decantada Regeneraçaõ politica da Monarchia pelas Cortes de Lisboa.

Quando por um acaso se appresentara pela vez primeira esta rica e vasta Regiaõ Brasilica aos olhos do venturoso Cabral, logo a avareza e o proselytismo religioso, moveis dos descubrimentos e Colonias modernas, se apoderaram della por meio de conquista; e leis de sangue, dictadas por paixões, e sordidos interesses, firmàram a tyrannia Portugueza. O Indigena bravio, e o Colono Europeo foram obrigados a trilhar a mesma estrada da miseria e escravidaõ. Se cavavam o seio de seus montes para delles extrahirem o ouro, leis absurdas, e o *Quinto* vieram logo esmorecêl-os em seus trabalhos apenas encetados: ao mesmo tempo que o Estado Portuguez com sôfrega ambiçaõ devorava os thesouros, que a benigna Natureza lhes offertava, fazia tambem vergar as desgraçadas Minas sob o pezo do mais odioso dos tributos, da *Capitaçaõ*. Queriam que os Brasileiros pagassem atè o ar que respiravam, e a terra que pizavam. Se a industria de alguns homens mais activos tentava dar nova forma aos productos do seu sòlo, para com elles cubrir a nudez de seus filhos, leis tyrannicas o empéciam, e castigavam estas nobres tentativas. Sempre quizeram os Europeos conservar este rico Paiz na mais dura e triste dependencia da Metropoli; porque julgavam ser-lhes necessario estancar, ou pelo menos empobrecer a fonte perenne de suas riquezas. Se a actividade de algum Colono offerecia a seus Concidadãos, de quando, em quando algum novo ramo de riqueza rural, naturalizando vegetaes exoticos, uteis, e preciosos, impóstos onerosos vinham logo dar cabo de taõ felizes começos. Se homens emprehendedores ousavam mudar o curso de caudalosos ribeirões, para arrancarem de seus alveos os diamantes, eram logo impedidos pelos agentes crueis do monopolio, e punidos por leis inexoraveis. Se o superfluo de suas producções convidava e reclamava a troca de outras producções estranhas, privado o Brasil do mercado geral

*

das Nações, e por conseguinte da sua concurrencia, que encarreceria as compras, e abarataria as vendas, nenhum outro recurso lhe restava senaõ mandal-as aos portos da Metropole, e estimular, assim cada vez mais a sordida cobiça e prepotencia de seus tyrannos. Se finalmente o Brasileiro, à quem a provida Natureza dêo talentos naõ vulgares, anhelava instruir-se nas Sciencias e nas Artes para melhor conhecer os seus direitos, ou saber aproveitar as preciosidades naturaes com que a Providencia dotara o seu Paiz, mister lhe era il-as mendigar a Portugal, que pouco as possuia, e de onde muitas vezes lhe naõ era permittido regressar.

Tal foi a sorte do Brasil por quasi trez seculos; tal a mesquinha politica, que Portugal sempre acanhado em suas vistas, sempre faminto e tyrannico, imaginou para cimentar o seu dominio, e manter o seu facticio esplendor. Colonos e indigenas, Conquistados e Conquistadores, seus filhos e os filhos de seus filhos, tudo foi confundido, tudo ficou sujeito a um anathema geral. E por quanto a ambiçaõ do poder, e a sede de ouro saõ sempre insaciaveis e sem freio, naõ se esqueceo Portugal de mandar continuamente Bachàs desapiedados, magistrados corruptos, e enxames de agentes fiscaes de toda a especie, que no delirio de suas paixões e avareza despedaçavam os laços da moral assim publica, como domestica; devoravam os mesquinhos restos dos suores e fadigas dos habitantes; e dilaceravam as entranhas do Brasil, que os sustentava e enriquecia, para que reduzidos à ultima desesperaçaõ seus povos, quaes submissos Musulmanos fossem em romarias à nova *Méca* comprar com ricos dons e offerendas uma vida, bem que obscura e languida, ao menos mais supportavel e folgada. Se o Brasil resistio a esta torrente de males; se medrou no meio de taõ vil oppressaõ, devêo-o a seus filhos fortes e animosos, que a Natureza tinha talhado para gigantes; devêo-o aos beneficios dessa boa Mãi, que lhes dava forças sempre renascentes para zombarem dos obstaculos physicos e moraes, que seus ingratos Pais e Irmãos oppunham acintemente ao seu crescimento e prosperidade.

Porém, o Brasil ainda que ulcerado com a lembrança de seus passados infortunios, sendo naturalmente bom e honrado, naõ deixou de receber com inexplicavel jubilo a Augusta Pessoa do Senhor D. Joaõ VI. e a toda a Real Familia. Fez ainda mais: acolheo com braços hospedeiros a Nobreza e Povo que emigràra, acossados pela invasaõ do Despota da Europa — Tomou contente sobre seus hombros o pezo do Throno de Meu Augusto Pai — Conservou com esplendor o Diadema que Lhe cingia a Fronte — Supprio com generosidade e profusaõ as despezas de uma nova Corte desregrada — e, o que mais he, em grandissima distancia, sem interesse algum seu particular, mas só pelos simples laços da fraternidade, contribuio tambem para as despezas da guerra, que Portugal taõ gloriosamente tentara contra os seus Invasores. ¿ E que ganhou o Brasil em paga de tantos sacrificios? A continuaçaõ dos velhos abusos, e o accrescimo de novos, introduzidos, parte pela impericia, e parte pela immoralidade e pelo crime. Taes desgraças clamavam altamente por uma prompta reforma de Governo, para o qual o habilitavam o accrescimo de luzes, e os seus inauferiveis direitos, como homens que formavam a porçaõ maior e mais rica da Naçaõ Portugueza, favorecidos pela Natureza na sua posiçaõ geographica e central no meio do Globo — nos seus vastos portos e enseadas — e nas riquezas naturaes do seu sólo; porém sentimentos de lealdade excessiva, e um extremado amor para com seus Irmãos de Portugal embargaram seus queixumes, sopearam sua vontade, e fizeram ceder esta palma gloriosa a seus Pais e Irmãos da Europa.

Quando em Portugal se levantou o grito da Regeneraçaõ Politica da Monarchia, confiados os Povos do Brasil na inviolabilidade dos seus direitos, e incapazes de julgar aquelles seus Irmãos differentes em sentimentos e generosidade, abandonaram a estes ingratos a defeza de seus mais sagrados interesses, e o cuidado da sua completa reconstituiçaõ; e na melhor fé do mundo adormeceram tranquillos à borda do mais terrivel precipicio. Confiando tudo da sabedoria e justiça do Congresso Lisbonense, esperava o Brasil receber delle tudo o que lhe pertencia por direito. Quaõ longe estava entaõ de presumir que este mesmo Congresso fosse capaz de taõ vilmente atraiçoar suas esperanças e interesses; interesses que estaõ estreitamente enlaçados com os geraes da Naçaõ!

Agora já conhece o Brasil o erro em que cahira; e se os Brasileiros naõ

fossem dotados d'aquelle generoso enthusiasmo, que tantas vezes confunde *fósforos* passageiros com a verdadeira luz da razaõ, veriam desde o primeiro Manifesto que Portugal dirigira aos Povos da Europa, que um dos fins occultos da sua apregoada Regeneraçaõ consistia em restabelecer astutamente o velho systema Colonial, sem o qual creo sempre Portugal, e ainda hoje o crê, que naõ póde existir rico e poderoso. Naõ previo o Brasil que seus Deputados, tendo de passar a um Paiz estranho e arredado — tendo de lutar contra preocupações e caprixos inveterados da Metropole — faltos de todo o apoio prompto de amigos e parentes, de certo haviam de cahir na nullidade em que ora os vemos; mas foi-lhe necessario passar pelas duras lições da experiencia para reconhecer a illusaõ das suas erradas esperanças.

Mas merecem desculpa os Brasileiros, porque almas candidas e generosas muita difficuldade teriam de capacitar-se que a gabada Regeneraçaõ da Monarchia houvesse de começar pelo restabelecimento do odioso systema Colonial. Era mui difficil, e quasi incrivel, conciliar este plano absurdo e tyrannico com as luzes e liberalismo que altamente apregoava o Congresso Portuguez! E ainda mais incrivel era, que houvesse homens taõ atrevidos, e insensatos que ousassem, como depois Direi, attribuir á vontade e Ordens de Meu Augusto Pai ElRei o Senhor Dom Joaõ Sexto, a Quem o Brasil devêo a sua Cathegoria de Reino, Querer derribar de um golpe o mais bello Padraõ que o hade eternizar na Historia do Universo. He incrivel por certo taõ grande allucinaçaõ; porèm fallam os factos, e contra a verdade manifesta naõ pode haver sophismas.

Em quanto Meu Augusto Pai naõ abandonou, arrastrado por ocultas e perfidas manobras, as praias do Janeiro para hir desgraçadamente habitar de novo as do velho Tejo, affectava o Congresso de Lisboa sentimentos de fraternal igualdade para com o Brasil, e principios luminosos de reciproca justiça; declarando formalmente no Art.° 21 das Bazes da Constituiçaõ, que a Lei fundamental, que se ia organisar e promulgar, só teria applicaçaõ a este Reino, se os Deputados delle, depois de reunidos, declarassem ser esta a vontade dos Povos que representavam.; Mas qual foi o espanto desses mesmos Povos, quando viram, em contradicçaõ aquelle artigo, e com desprezo de seus inalienaveis direitos, uma fracçaõ do Congresso geral, dicidir dos seus mais caros interesses! quando viram legislar o partido dominante daquelle Congresso incompleto e imperfeito, sobre objectos de transcendente importancia, e privativa competencia do Brasil, sem a audiencia se quer de dois terços dos seus Representantes!

Este partido dominador, que ainda hoje insulta sem pêjo as luzes, e probidade dos homens sensatos e probos que nas Cortes existem, tenta todos os meios infernaes e tenebrosos da Politica para continuar a enganar o credulo Brasil com apparente fraternidade, que nunca morára em seus corações; e aproveita astutamente os desvarios da Junta Governativa da Bahia (que occultamente promovêra) para despedaçar o sagrado nó que ligava todas as Provincias do Brasil á Minha Legitima e Paternal Regencia. ¿ Como ousou reconhecer o Congresso n'aquella Junta facciosa, legitima authoridade para cortar os vinculos politicos da sua Provincia, e apartar-se do centro do systema a que estava ligada, e isto ainda depois do Juramento de Meu Augusto Pai á Constituiçaõ promettida á toda a Monarchia? ¿ Com que direito pois sanccionou esse Congresso, cuja representaçaõ Nacional entaõ só se limitava á de Portugal, actos taõ illegaes, criminosos, e das mais funestas consequencias para todo o Reino Unido? E quaes foram as utilidades que d'alli vieram á Bahia? O vaõ e ridiculo nome de Provincia de Portugal; e o peór he, os males da guerra civil e da anarchia em que hoje se acha submergida por culpa do seu primeiro Governo, vendido aos Demagogos Lisbonenses, e de alguns outros homens deslumbrados com ideas anarchicas e republicanas. Por ventura sêr a Bahia Provincia do pobre e acanhado Reino de Portugal, quando assim podesse conservar-se, era mais do que ser uma das primeiras do vasto, e grandioso Imperio do Brasil? Mas eram outras as vistas do Congresso. O Brasil naõ devia mais ser Reino; devia descer do throno da sua Cathegoria; despojar-se do manto Real da sua Magestade; depôr a Coroa e o Sceptro; e retroceder na Ordem politica do Universo, para receber novos ferros, e humilhar-se como escravo perante Portugal.

Naõ paremos aqui — examinemos a marcha progressiva do Congresso. Autho-

rizam, e estabelecem Governos Provinciaes anarchicos, e independentes uns dos outros, mas sugeitos a Portugal. Rompem a responsabilidade e harmonia mutua entre os Poderes Civil, Militar, e Financeiro, sem deixarem aos Povos outro recurso a seus males inevitaveis senaõ atravez do vasto Occeano — recurso inutil e ludibrioso. Bem via o Congresso que despedaçava a architectura magestosa do Imperio Brasileiro; que hia separar e pôr em continua luta suas partes; anniquilar suas forças; e até converter as Provincias em outras tantas Republicas inimigas. Mas pouco lhe importavam as desgraças do Brasil; bastava-lhe por entaõ proveitos momentaneos; e nada se lhe dava de cortar a arvore pela raiz, com tanto que, à similhança dos Selvagens da Luisiana, colhesse logo seus fructos, se quer uma vez sómente.

As representações e esforços da Junta Governativa, e dos Deputados de Pernambuco para se verem livres das baionetas Europeas, ás quaes aquella Provincia devia as tristes dissensões intestinas que a dilaceravam, foram baldadas. Entaõ o Brasil começou a rasgar o denso véo que cubria seus olhos; e foi conhecendo o para que se destinavam essas Tropas; examinou as causas do máo acolhimento que recebiam as propostas dos poucos Deputados que já tinha em Portugal, e foi perdendo cada vez mais a esperança de melhoramento, e reforma nas deliberações do Congresso; pois via que naõ valia a justiça de seus direitos, nem as vozes e patriotismo de seus Deputados.

Ainda naõ he tudo — Bem conheciam as Cortes de Lisboa que o Brasil estava esmagado pela immensa divida do Thesouro ao seu Banco Nacional, e que se este viesse a fallir, de certo innumeraveis familias ficariam arruinadas, ou reduzidas á total indigencia: Este objecto era da maior urgencia; todavia nunca o credito deste Banco lhes deveo a menor attençaõ; antes parece que se empenhavam com todo o esmero em dar-lhe o ultimo golpe, tirando ao Brasil as sobras das rendas Provinciaes, que deviam entrar no seu Thesouro Publico e Central; e até esbulharam o Banco da administraçaõ dos Contractos que ElRei Meu Augusto Pai lhe havia Concedido, para amortisaçaõ desta divida sagrada.

Chegam em fim ao Brasil os fataes Decretos da Minha Retirada para a Europa, e da Extincçaõ total dos Tribunaes do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que ficavam subsistindo os de Portugal. Desvaneceram-se entaõ em um momento todas as esperanças até mesmo de conservar uma Delegaçaõ do Poder Executivo, que fosse o centro commum de Uniaõ e de força entre todas as Provincias deste vastissimo Paiz, pois que sem este centro commum que dê regularidade e impulso a todos os movimentos da sua Machina Social, debalde a Natureza teria feito tudo o que della profusamente dependia, para o rapido desenvolvimento das suas forças e futura prosperidade. Um Governo forte e Constitucional era só quem podia desempeçar o caminho para o augmento da civilisaçaõ e riqueza progressiva do Brasil; quem podia defendel-o de seus inimigos externos, e cohibir as facções internas de homens ambiciosos e malvados, que ousassem attentar contra a Liberdade e propriedade individual, e contra o socego e segurança publica do Estado em geral, e de cada uma das suas Provincias em particular. Sem este centro commum, Torno a Dizer, todas as relações de amizade e commercio mutuo entre este Reino com o de Portugal e Paizes Estrangeiros, teriam mil collisões e embates; e em vez de se augmentar a nossa riqueza debaixo de um systema solido e adequado de Economia Publica, a veriamos pelo contrario entorpecer, definhar, e acabar talvez de todo. Sem este centro de força e de uniaõ finalmente, naõ poderiam os Brasileiros conservar as suas fronteiras e limites naturaes, e perderiam, como agora machína o Congresso, tudo o que ganhåram á custa de tanto sangue e cabedaes; e o que he peor, com menoscabo da honra e brio Nacional, e dos seus grandes e legitimos intereresses politicos e commerciaes. Mas felizmente para nós a Justiça ultrajada e a sã Politica levantaram um brado universal, e ficou suspensa a execuçaõ de taõ maleficos Decretos.

Resentiram-se de novo os Povos deste Reino, vendo o desprezo com que foram tratados os Cidadaõs benemeritos do Brasil, pois na numerosa lista de Diplomaticos, Ministros de Estado, Conselheiros, e Governadores militares, naõ appareceo o nome de um só Brasileiro. Os fins sinistros porque se nomearam estes novos Bachàs com o titulo doirado de Governadores d' Armas estaõ hoje manifestos: basta attender ao comportamento uniforme que haõ tido em nossas Provinci-

as, oppondo-se á dignidade e liberdade do Brasil — e basta vêr a consideração com que as Cortes ouvem seus Officios, e a ingerencia que tomam em materias civis e politicas, muito alheias de qualquer mando militar. A condescendencia com que as Cortes receberam as felicitações da Tropa fratricida expulsa de Pernambuco; e ha pouco as approvações dadas pelo partido dominante do Congresso aos revoltosos procedimentos do General Avilez, que, para cumulo de males e soffrimento, até dêo causa á prematura morte de Meu Querido Filho o Principe Dom Joaõ; o pouco caso e escarneo, com que foram ultimamente ouvidas as sanguinosas scenas da Bahia, perpetradas pelo infame Madeira, a quem vaõ reforçar com novas Tropas, a pezar dos protestos dos Deputados do Brasil; tudo isto evidencîa, que depois de subjugada a liberdade das Provincias, suffocados os gritos de suas justas reclamações, denunciados como anti-constitucionaes o patriotismo e honra dos Cidadaõs, só pretendem esses desorganizadores estabelecer debaixo das palavras enganosas de uniaõ e fraternidade, um completo despotismo militar, com que esperam esmagar-nos.

Nemhum Governo justo, nemhuma Naçaõ civilizada deixará de comprehender, que privado o Brasil de um Poder Executivo — que extinctos os Tribunaes necessarios — e obrigado a ir mendigar a Portugal a travez de delongas e perigos as graças e a justiça — que chamadas a Lisboa as sobras das rendas das suas Provincias — que anniquilada a sua Cathegoria de Reino — e que dominado este pelas baionetas que de Portugal mandassem — só restava ao Brasil ser riscado para sempre do numero das Nações e Povos livres, ficando outra vez reduzido ao antigo estado Colonial, e de commercio exclusivo. Mas naõ convinha ao Congresso patentear á face do Mundo civilizado seus occultos e abominaveis projectos; procurou por tanto rebuçal-os de novo, nomeando commissões encarregadas de tratar dos Negocios Politicos, e Mercantis deste Reino. Os pareceres destas Commissões correm pelo Universo, e mostram terminantemente todo o machiavelismo e hypocrisia das Cortes de Lisboa, que só podem illudir a homens ignorantes, e dar novas armas aos inimigos solapados que vivem entre nós. Dizem agora esses falsos e máos Politicos, que o Congresso deseja ser instruido dos votos do Brasil, e que sempre quiz acertar em suas deliberações; se isto he verdáde, porque ainda agora regeitam as Cortes de Lisboa tudo quanto propoem os poucos Deputados que lá temos?

Essa Commissaõ Especial encarregada dos Negocios Politicos deste Reino já lá tinha em seu poder as Representações de muitas das nossas Provincias, e Camaras, em que pediam a derrogaçaõ do Decreto sobre a organisaçaõ dos Governos Provinciaes, e a Minha Conservaçaõ neste Reino como Principe Regente. Que fez porém a Commissaõ? A nada disso attendeo, e apenas propoz a Minha Estada temporaria no Rio de Janeiro sem entrar nas attribuições que Me deviam pertencer, como Delegado do Poder Executivo. Reclamavam os Povos um centro unico d'aquelle Poder para se evitar a desmembraçaõ do Brasil em partes isoladas e rivaes. ¿ Que fez a Commissaõ? Foi taõ machiavelica que propoz se concedesse ao Brasil dois ou mais centros, e até que se correspondessem directamente com Portugal as Provincias que assim o desejassem.

Muitas e muitas vezes levantaram seus brados a favor do Brasil os nossos Deputados; mas suas vozes expiràram suffocadas pelos insultos da gentalha assalariada das galerias. A todas as suas reclamações respoderam sempre que eram ou contra os artigos jà decretados da Constituiçaõ, ou contra o Regulamento interior das Cortes, ou que naõ podiam derrogar o que já estava decidido, ou finalmente respondiam orgulhosos = aqui naõ ha Deputados de Provincias, todos saõ Deputados da Naçaõ, e só deve valer a pluralidade = falso e inaudito principio de Direito Publico, porém muito util aos dominadores, porque, escudados pela maioria dos votos Europeos, tornavam nullos os dos Brasileiros, podendo assim escravisar o Brsil a seu sabor. Foi presente ao Congresso a Carta que Me dirigio o Governo de S. Paulo, e logo depois o voto unanime da Deputaçaõ que Me foi enviada pelo Governo, Camara, e Clero da sua Capital. Tudo foi baldado. A Junta d' aquelle Governo foi insultada, taxada de rebelde, e digna de ser criminalmente processada. Em fim pelo orgam da Imprensa livre os Escriptores Brasileiros manifestaram ao Mundo as injustiças e erros do Congresso; e em paga da sua lealdade e patriotismo foram invectivados de venaes, e só inspirados pelo genio do mal, no machiavelico Parecer da Commissaõ.

A' vista de tudo isto, já naõ he mais possivel que o Brasil lance um véo de eterno esquecimento sobre tantos insultos e atrocidades; nem he igualmente possivel que elle possa jamais ter confiança nas Cortes de Lisboa, vendo-se a cada passo ludibriado, já dilacerado por uma guerra civil começada por essa iniqua gente, e até ameaçado com as scenas horrorosas de *Haity*, que nossos furiosos inimigos muito desejam reviver.

Por ventura não he tambem um começo real de hostilidades prohibir aquelle Governo que as Nações Estrangeiras, com quem livremente commerciavamos, nos importem petrechos militares e navaes? — Deveremos igualmente soffrer que Portugal offereça ceder á França uma parte da Provincia do Pará, se aquella Potencia lhe quizer subministrar Tropas e Navios com que possa melhor algemar nossos pulsos, e suffocar nossa justiça? — Poderão esquecer-se os briosos Brasileiros de que iguaes propostas, e para o mesmo fim, foram feitas á Inglaterra, com offerecimento de se perpetuar o Tratado de Commercio de 1810, e ainda com maiores vantagens? A quanto chega a má vontade, e impolitica dessas Cortes!!

De mais, o Congresso de Lisboa naõ poupando a menor tentativa de opprimir-nos e escravizar-nos, tem espalhado uma Cohorte de Emissarios occultos, que empregam todos os recursos da astucia e da perfidia para desorientarem o espirito publico, perturbarem a boa ordem, e fomentarem a desuniaõ e anarchia no Brasil. Certificados do justo rancor que tem estes Povos ao Despotismo, naõ cessam estes perfidos Emissarios, para perverterem a opiniaõ publica, de envenenar as acções mais justas e puras de Meu Governo, ousando temerariamente imputar-Me desejos de separar inteiramente o Brasil de Portugal, e de reviver a antiga Arbitrariedade. De balde tentam porém desunir os habitantes deste Reino; os honrados Europeos nossos Conterraneos naõ seraõ ingratos ao paiz que os adoptou por filhos, e os tem honrado e enriquecido.

Ainda naõ contentes os facciosos das Cortes com toda esta serie de perfidias e atrocidades, ousam insinuar que grande parte destas medidas desastrosas saõ emanações do Poder Executivo; como se o Caracter d'ElRei, do Bemfeitor do Brasil, fosse capaz de taõ machiavelica perfidia — como se o Brasil e o Mundo inteiro naõ conhecessem que o Senhor Dom Joaõ Sexto Meu Augusto Pai está realmente Prisioneiro d'Estado, debaixo de completa coacçaõ, e sem vontade livre, como a deveria ter um verdadeiro Monarcha, que gozasse d'aquellas attribuições, que qualquer Legitima Constituiçaõ, por mais estreita e suspeitosa que seja, lhe naõ deve denegar: sabe toda a Europa, e o Mundo inteiro, que dos Seus Ministros, uns se acham nas mesmas circunstancias, e outros saõ creaturas e partidistas da facçaõ dominadora.

Sem duvida as provocações e injustiças do Congresso para com o Brasil saõ filhas de partidos contrarios entre si, mas ligados contra nós: querem uns forçar o Brasil a se separar de Portugal, para melhor darem ali garrote ao systema Constitucional; outros querem o mesmo, porque desejam unir-se à Hespanha: por isso naõ admira em Portugal escrever-se e assoalhar-se descaradamente que aquelle Reino utiliza com a perda do Brasil.

Cegas pois de orgulho, ou arrastradas pela vingança e egoismo, decidiram as Cortes com dois rasgos de penna uma questaõ da maior importancia para a Grande Familia Luzitana, estabelecendo sem consultar a vontade geral dos Portuguezes de ambos os Hemispherios o assento da Monarchia em Portugal, como se essa minima parte do territorio Portuguez, e a sua povoaçaõ estacionaria e acanhada devesse ser o Centro politico e commercial da Naçaõ inteira. Com effeito se convèm a Estados espalhados, mas reunidos debaixo de um sò Chefe, que o principio vital de seus movimentos e energia exista na parte a mais central e poderosa da grande Machina Social, para que o impulso se communique a toda a periferia com a maior presteza e vigor, de certo o Brasil tinha o incontrastavel direito de ter dentro de si o assento do Poder Executivo. Com effeito; este rico e vasto Paiz, cujas alongadas Costas se estendem desde dois gràos alem do Equador até o Rio da Prata, e saõ banhadas pelo Atlantico, fica quasi no centro do Globo à borda do grande Canal por onde se faz o Commercio das Nações, que he o liame que une as quatro partes do Mundo. A' esquerda tem o Brasil a Europa e a parte mais consideravel da America, em frente a Africa, à direita o resto da America e a Asia, com o immenso archipelago da Australia, e nas Costas o Mar Pacifico ou o Maximo Oceano, com o Estreito de Magalhães, e o Cabo de Horn quasi à porta.

Quem ignora igualmente que he quasi impossivel dar nova força e energia a Povos envelhecidos e delecados? Quem ignora hoje que os bellos dias de Portugal estaõ passados, e que sò do Brasil pòde esta pequena porçaõ da Monarchia esperar seguro arrimo, e novas forças para adquirir outra vez a sua virilidade antiga! Mas de certo naõ poderà o Brasil prestar-lhe estes soccorros se alcançarem esses insensatos decepar-lhe as forças, desunil-o, e arruinal-o.

Em tamanha e taõ systematica serie de desatinos e atrocidades, qual deveria ser o comportamento do Brasil? ¿ Deveria suppor acaso as Cortes de Lisboa ignorantes de nossos direitos e conveniencias? Naõ por certo: porque ali ha homens, ainda mesmo d'entre os facciosos, bem que malvados, naõ de todo ignorantes. ¿ Deveria o Brasil soffrer, e contentar-se sòmente com pedir humildemente o remedio de seus males a corações desapiedados e egoistas? Naõ vê elle que mudados os Despotas, continúa o Despotismo? Tal comportamento, alèm de inepto e deshonroso precipitaria o Brasil em hum pelago insondavel de desgraças; e perdido o Brasil està perdida a Monarchia.

Collocado pela Providencia no meio deste vastissimo e abençoado Paiz, como Herdeiro, e Legitimo Delegado d'ElRei Meu Augusto Pai, he a primeira das Minhas obrigações, naõ sò zelar o bem dos Povos Brasileiros; mas igualmente os de toda a Naçaõ, que um dia devo Gorvernar. Para cumprir estes Deveres Sagrados, Annui aos votos das Provincias que Me pediram naõ as abandonasse: e Desejando acertar em todas as Minhas Resoluções, Consultei a opiniaõ publica dos Méus Subditos, e Fiz Nomear e Convocar Procuradores Geraes de todas as Provincias para Me aconselharem nos negocios d' Estado e da sua commum utilidade. Depois para lhes dar uma nova prova da Minha sinceridade e Amor, Acceitei o titulo e encargos de Defensor Perpetuo deste Reino, que os Povos Me conferiram: E finalmente vendo a urgencia dos acontecimentos, e ouvindo os votos geraes do Brasil que queria ser salvo, Mandei Convocar uma Assemblèa Constituinte e Legislativa que trabalhasse a bem da sua solida felicidade. Assim requeriam os Povos, que consideram a Meu Augusto Pai e Rei privado da Sua Liberdade, e sugeito aos caprixos desse bando de facciosos que domina nas Cortes de Lisboa, das quaes seria absurdo esperar medidas justas e ùteis aos destinos do Brasil, e ao verdadeiro bem de toda a Naçaõ Portugueza.

Eu seria ingrato aos Brasileiros — seria perjuro às Minhas Promessas — e indigno do Nome de = Principe Real do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves = se Obrasse de outro modo. Mas Protesto ao mesmo tempo perante DEOS e à face de todas as Nações Amigas e Alliadas que naõ Desejo cortar os laços de uniaõ e fraternidade, que devem fazer de toda a Naçaõ Portugueza um sò Todo Politico bem organisado. Protesto igualmente que salva a devida e justa reuniaõ de todas as partes da Monarchia debaixo de um sò Rei, como Chefe Supremo do Poder Executivo de toda a Naçaõ, Heide defender os legitimos direitos e a Constituiçaõ futura do Brasil, que Espero seja boa e prudente, com todas as Minhas Forças, e à custa do Meu proprio sangue, se assim for necessario.

Tenho exposto com sinceridade e concisaõ aos Governos e Nações, a quem Me dirijo neste Manifesto, as causas da final resoluçaõ dos Povos deste Reino. Se ElRei o Sr. D. Joaõ VI. Meu Augusto Pai estivesse ainda no seio do Brasil, gozando de Sua Liberdade e Legitima Authoridade, de certo Se Comprazeria com os votos deste Povo leal e generoso; e o Immortal Fundador deste Reino, Que já em Fevereiro de 1821 chamara ao Rio de Janeiro Cortes Brasileiras, naõ Poderia deixar neste momento de Convocal-as do mesmo modo que Eu agora Fiz. Mas achando-Se o nosso Rei Prisioneiro e Captivo, a Mim Me compete salval-O do affrontoso estado a que O reduziram os facciosos de Lisboa. A Mim pertence, como Seu Delegado e Herdeiro, salvar naõ só ao Brasil, mas com elle toda a Naçaõ Portugueza.

A Minha firme Resolução, e a dos Povos que Governo, estaõ legitimamente promulgadas. Espero pois que os homens sabios e imparciaes de todo o Mundo, e que os Governos e Nações Amigas do Brasil hajam de fazer justiça a tão justos e nobres sentimentos. Eu os Convido a continuarem com o Reino do Brasil as mesmas relações de mutuo interesse e amizade. Estarei prompto a receber os seos Ministros, e Agentes Diplomaticos, e a enviar-lhes os Meus, em quanto durar o captiveiro d'ElRei Meu Augusto Pai. Os portos do Brasil con-

tinuaráõ a estar abertos a todas as Nações pacificas e amigas para o commercio licito que as Leis não prohibem: os Colonos Europeos que para aqui emigrarem poderáõ contar com a mais justa protecção neste Paiz rico e hospitaleiro. Os Sabios, os Artistas, os Capitalistas, e os Emprehendedores encontraráõ tambem amizade e accolhimento: E como o Brasil sabe respeitar os direitos dos outros Povos e Governos Legitimos, espera igualmente por justa retribuição, que seus inalienaveis direitos sejam tambem por elles respeitados e reconhecidos, para se não vêr, em caso contrario, na dura necessidade de obrar contra os desejos do seu generoso coração. Palacio do Rio de Janeiro seis de Agosto de mil oitocentos e vinte dois.

PRINCIPE REGENTE.

RIO DE JANEIRO. NA IMPRESSAM NACIONAL

Representação que á Sua Magestade Imperial dirigio o Procurador da Provincia do Rio de Janeiro Joaquim Gonsalves Ledo.

SENHOR.

Quando depois de ter servido á cauza da minha Patria em geral, e a V. M. mesmo com todos os esforços, que em mim cabião, já como simples Cidadão, já como Procurador Geral, e Conselheiro d'Estado desta Provincia do Rio de Janeiro, me comprazia de ter merecido aquella estima, que o bom Povo da mesma Provincia me testemunhava conferindo-me, ha pouco, pela sua absoluta espontaneidade a honra de me nomear Deputado por ella á Assemblea Geral, que deve estabelecer os legitimos fundamentos do Imperio Constitucional de V. M. sobre este vasto, rico, e opulento Paiz, que me vio nascer: quando eu seguro na Augusta Palavra de V. M. que poucos dias antes me dera de não conceituar rumores, que os meos perversos, e gratuitos emulos de antemão espalhavão contra mim por meio de homens da mais desacreditada reputação, lançados a esse effeito por todas as boticas, e lugares de publica ajuntamento, esperava que a minha honra podesse resguardar os escolhos, que por toda a parte me levantava a aguçoza intriga de meos jurados inimigos, eis que no dia 30 do preterito Outubro, vejo sublevar-se contra mim, Senhor, não digo bem, contra o meo nome, contra os Empregos, que a Inveja d'olhos vesgos via revestir-me, contra a minha honra, e com inaudito vilipendio d'esses mesmos Empregos, que o bom Povo de toda esta Provincia me conferira, hum motim, que não louvarei dando-lhe o nome de popular, mas sim de huns poucos individuos da mais baixa plebe vendidos á facção dos ditos meos bem conhecidos Inimigos, os quaes dirigindo-se em publica assoada ás portas do Paço do Conselho desta Cidade, ahi com vozes tumultuarias, e maneiras descompostas me arguirão de Fautor de hum partido, que projectava substituir hum sistema de forma Republicana á actual forma de governo pela qual tanto trabalhei, e que até em hum voto meo no Conselho d'Estado estabeleci como fundamento da segurança interna do Brasil: accompanhando as suas calumniosas increpações de todas aquellas descomposturas de gestos, e palavras ludibriosas, de que apenas nos governos puramente democraticos se poderáõ contar alguns exemplos, que se ouvem sempre com horror, e espanto. A intima convicção da minha consciencia, a certeza que eu tinha da de V. M. que pessoalmente conhece os meos serviços feitos á Causa da Sua Acclamação; a que eu julgava no seu mesmo Ministerio destes serviços, cujo plano fòra com elle concertado, me recobrarão do soçobro de que a primeira voz de tal acontecimento me deixara impressionado. Mas qual não devia ser a minha surpresa quando depois soube que as Authoridades publicas desta Cidade, em vez de cohibirem o tumulto, se mantiverão em pacifica observação de todo o insulto, que ahi se quiz fazer ao meu, e a outros nomes, ouzando alguns dos perversos amotinadores pedir em altas vozes a minha cabeça, e à de alguns Varões conspicuos desta Cidade, os mais assignalados pelos seos preteritos, e recentes, publicos, e innegaveis serviços feitos á cauza do Brasil em anteriores occaziões, e na Acclamação de V. M.: Varões, digo, que sendo Constitucionaes por Caracter não podião, nem podem ser taxados senão da impaciencia de se sugeitarem a hum Governo despotico, e a formas arbitrarias, que os Servis sem merito, e sem pejo,

seu poder todas as Attestaçoens necessarias de boa conducta, exacção, e prestimo durante o seu emprego na Secretaria da Intendencia, como Official e Interprete; e que se requereu a Demissão do Lugar, foi por lhe parecer desairoza a conservação de hum Lugar Publico aonde elle foi tratado tão mesquinhamente, tendo sempre cumprido os seus deveres, e sujeitadose até a servir lugares que jámais lhe poderião pertencer.

REQUERIMENTO.

SENHOR.

DIz Luiz Sebastião Fabregas Surigué, que achando-se desde 19 de Agosto de 1823 empregado em a Secretaria da Intendencia Geral da Policia na qualidade de Interprete e Official della, e tendo servido desde o seu ingresso até meado do mez de Maio proximo passado, teve então o grave desgosto, e desairosa semsaboria de se ver quasi que insensivelmente envolvido na embrulhada que deo occasião á Portaria do Ministerio da Justiça de 19 de Maio de 1824, que por isso que já foi levada á Augusta Presença de V. M. I., torna inutil nova exposição, visto que nella teria o supplicante de replicar contra a maneira pouco decente, e menos liza com que se procurou indispor o Animo de V. M. I. contra o suppplicante: E como que em huma tal situação, e á vista da educação do supplicante, e sua constante conducta, se torna inconsistente com o seu modo de pensar, e de orçar as vantagens e interesses desta vida, continuar a servir no Lugar onde teve de experimentar tão sensivel dissabor; — Pede a V. M. I. Se Sirva Ordenar se lhe dê demissão do Lugar de Interprete e Official da Secretaria da Policia, Lugar nunca por elle requerido, e que lhe havia sido conferido pela mui reconhecida concurrencia de circunstancias, de prestimo, e boa conducta, reservando-se o direito de se offerecer a V. M. I. para bem do Serviço Nacional, e na extensão das suas forças, protestando humildemente contra a maneira verdadeiramente desabrida, com que se procurou aggravar na Presença de V. M. I. hum simples desforço contra o augmento de Serviço Oneroso e com clausulas desairosas, como se jámais fosse, ou tivesse sido necessario, estimular o supplicante no desempenho de seus deveres, desempenho não só publico e notorio, como attestado pelas Autoridades com quem lhe coube servir. Roga, por tanto, a V. M. I. Se Digne Ordenar se dê ao supplicante a demissão requerida. E R. M.

Luiz Sebastião Fabregas Surigué.

RIO DE JANEIRO 1824. NA TYPOGRAPHIA DE TORRES.